

Dos “likes” à luta: Participação cívica de crianças nas redes sociais na promoção de direitos

Bianca Orrico Serrão¹; Manuel Jacinto Sarmento²; Juliana Prates Santana³

Recibido: 05 de octubre de 2021 / Aceptado: 22 de noviembre de 2021

Resumo. Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a atuação digital de sete crianças brasileiras (cinco meninas e dois meninos) que produzem conteúdos para a Internet, ligados à educação e à promoção e defesa de direitos. Para o alcance dos objetivos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que versavam sobre as trajetórias dessas crianças, o seu envolvimento com as diversas pautas de luta, assim como as estratégias utilizadas para lidar com o status de influenciadores digitais. Somado a isso, foi realizada uma etnografia digital, com o intuito de acompanhar o conteúdo produzido pelas crianças e a interação com os seguidores através das plataformas digitais (Instagram, Twitter e Tiktok) por um período de 24 meses. Para fundamentar a presente investigação, foi utilizado como marco teórico estudos na área da Sociologia da Infância e investigações que abordam temáticas sobre a cibercultura. Os resultados permitem compreender que a presença das crianças na Internet não se limita ao consumo e reprodução de conteúdos supostamente exclusivos do universo infantil. De fato, as crianças atuam, e em muitos momentos se percebem, enquanto sujeitos políticos, que almejam a transformação social. As crianças pautam temas como a importância da representatividade, a necessidade de uma educação antirracista, o empoderamento feminino, assim como se posicionam contra todas as formas de discriminação e exclusão. Nesse sentido, a Internet, enquanto espaço público, possibilita a participação e o envolvimento das crianças em temas relevantes e atuais, permitindo ainda o reconhecimento das mesmas como sujeitos políticos.

Palavras-chave: infância; trajetórias; redes sociais; participação cívica

[es] De los “likes” a la lucha: La participación ciudadana de los niños en las redes sociales en la promoción de derechos

Resumen. Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el desempeño digital de siete niños brasileños (cinco niñas y dos niños) que producen contenidos para Internet, vinculados a la educación y la promoción y defensa de derechos. Para alcanzar los objetivos se realizaron entrevistas semiestructuradas que abordaron las trayectorias de estos niños, su implicación con las distintas agendas de lucha, así como las estrategias utilizadas para afrontar el estado de los influencers digitales. Sumado a esto, se realizó una etnografía digital, con el fin de monitorear el contenido producido por los niños y la interacción con los seguidores a través de plataformas digitales (Instagram, Twitter y Tiktok) por un período de 24 meses. Para sustentar esta investigación, se utilizaron como marco teórico estudios en el campo de la Sociología de la Infancia e investigaciones que abordan temas sobre cibercultura. Los resultados permiten entender que la presencia de niños en Internet no se limita al consumo y reproducción de contenidos supuestamente exclusivos del universo infantil. De hecho, los niños actúan, y en muchos momentos se perciben a sí mismos, como sujetos políticos, que apuntan a la transformación social. Los niños discuten temas como la importancia de la representación, la necesidad de una educación antirracista, el empoderamiento de la mujer y la lucha contra todas las formas de discriminación y exclusión. En este sentido, Internet, como espacio público, posibilita la participación e involucramiento de los niños en temas relevantes y actuales, permitiendo también su reconocimiento como sujetos políticos.

Palabras clave: infancia; trayectorias; redes sociales; participación cívica

¹ Doutoranda em Estudos da Criança, Instituto de Educação da Universidade do Minho.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2777-9881>
E-mail: bianca.orrigo@gmail.com

² Professor Associado com Agregação do Instituto de Educação da Universidade do Minho.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-9498>
E-mail: sarmento@ie.uminho.pt

³ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3352-9598>
E-mail: julianapsantana@gmail.com

[en] From “likes” to fight: Children’s civic participation in social medias for the promotion of rights

Abstract. This work aims to reflect on the digital performance of seven Brazilian children (five girls and two boys) who produce content for the Internet, linked to education and the promotion and defense of rights. In order to reach the objectives, semi-structured interviews were carried out that dealt with the trajectories of these children, their involvement with the various fight agendas, as well as the strategies used to deal with the status of *digital influencers*. Added to this, a digital ethnography was carried out, in order to monitor the content produced by the children and the interaction with followers through digital platforms (Instagram, Twitter and Tiktok) for a period of 24 months. To support this investigation, studies in the field of Sociology of Childhood and investigations that address issues on cyberculture were used as a theoretical framework. The results allow us to understand that the presence of children on the Internet is not limited to the consumption and reproduction of contents supposedly exclusive to the children’s universe. In fact, children act, and in many moments they perceive themselves, as political subjects, that they aim at social transformation. The children discuss themes such as the importance of representation, the need for anti-racist education, female empowerment, as well as taking a stand against all forms of discrimination and exclusion. In this sense, the Internet, as a public space, enables the participation and involvement of children in relevant and current issues, also allowing their recognition as political actors.

Keywords: childhood; trajectories; social media; civic participation

Sumário. 1. Introdução. 2. Abordagem Metodológica. 3. Resultados e discussão. 3.1 Temáticas abordadas. 3.2 Motivação para a criação do conteúdo. 3.3 Ser ativista e influenciador digital. 3.4 Impactos negativos 4. Considerações finais. 5. Referências.

Cómo citar: Orrico, B., Sarmiento, M y Prates, J. (2021). Dos “likes” à luta: Participação cívica de crianças nas redes sociais na promoção de direitos. *Sociedad e Infancias*, 5(2), 3-13.

1. Introdução

A presença das crianças⁴ na Internet muitas vezes é analisada sob forte suspeição, sendo constantemente destacados os perigos dos meios digitais, as violações de direitos e os efeitos negativos nas suas constituições psíquicas e sociais (Caetano, Miranda e Soromenho, 2010; Soares, 2011; Câmara, et al, 2020). De acordo com Dornelles (2005), existe na contemporaneidade uma cyber-infância, uma infância que está vinculada com as tecnologias e que em algumas situações ainda é avaliada como arriscada pelos adultos, que ficam receosos de não conseguir controlar ou governar estas crianças. No sentido contrário a essa tendência e sem ignorar as evidências dos riscos e perigos existentes, o presente trabalho visa discutir a ação política das crianças nos ambientes digitais, especificamente daqueles que desempenham um papel de ativistas com status de influenciadores digitais.

Os ambientes digitais possibilitam a criação de comunidades que compartilham interesses e promovem política de uma forma ampla, permitindo a participação de todas as pessoas que têm acesso a rede e as tecnologias (Lévy, 1999). Na presente pesquisa, foram investigadas crianças que produzem e/ou promovem ativismo sobre diferentes causas sociais através da Internet.

De acordo com Sivitanides e Shah (2011), a expressão “ativismo digital” é a que descreve de forma mais confiável esse movimento, já que permite uma compreensão em maior escala do que se configura o ativismo na contemporaneidade através das redes sociais. Para os autores, a sociedade tem utilizado cada vez mais os dispositivos e ferramentas disponíveis para promover política (Sivitanides e Shah, 2011). É possível identificar que em algumas pautas promovidas na rede, existe um número considerável de pessoas que começam a se engajar e participar do debate e das articulações para lutar por uma transformação social. Uma questão importante mencionada por George e Leidner (2018), é que é necessário que as organizações políticas motivem os cidadãos não só a inicialmente participar, mas manter essa participação, promovendo uma oportunidade de mobilização e organização mais direta nas ações políticas realizadas para suas comunidades ou para a sociedade como um todo.

Em relação ao ativismo local e global mencionado acima, é possível identificar uma interação complexa entre eles, já que de acordo com Mora (2014), o local pode ser caracterizado pelas experiências vividas, as dificuldades sociais, intolerância, corrupção, pobreza e fundamentalismo religioso. Já o global, expõe esta nova geração a novas culturas, conexão com pares em todo o mundo, diversidade, novas percepções de vida e consciência sobre questões sociais. Essas novas ativistas digitais tem uma perspectiva de rede global sem perder a compreensão de suas realidades, lutas e culturas locais. Para o autor, a geração atual tem sido principalmente orientada para a realização de tarefas aparentemente lúdicas (como jogar, navegar, compartilhar, enviar mensagens, postar, ouvir músicas, ou seja, interagir com as mídias apenas por diversão). Entretanto, através de familiaridade e experiência com o uso das tecno-

⁴ É válido ressaltar que o conceito de criança presente nesta investigação utiliza como base a Convenção sobre os Direitos da Criança, que considera a criança como todo ser humano com menos de 18 anos de idade.

logias e redes sociais, crianças e jovens, que são os grupos sociais mais ativos nas redes sociais, têm utilizado estes espaços para práticas de ativismo, fornecendo nesses novos ambientes uma mobilização, participação, organização e liderança social para lutar por questões sociais que envolvem seus cotidianos.

Girges (2013) reforça que com a ampliação do acesso às tecnologias e o crescimento das redes sociais na contemporaneidade, foi possível identificar que estes espaços se tornaram relevantes para a discussão de diferentes tópicos que vão além das preocupações com o trabalho, escola ou família, permitindo unir pessoas para expressar opiniões sobre questões políticas e sociais de forma rápida e acessível. Assim como apontado por Sivitanides (2011), a comunicação digital se tornou uma ferramenta fundamental e estratégica para a mobilização social, já que a nossa capacidade de comunicar, aprender, colaborar foi ampliada pelas TDICs, permitindo com que atos individuais na rede sejam articulados e integrados e promovam de fato uma mudança em diferentes esferas sociais.

Com isso, é possível identificar que a Internet tem possibilitado uma visibilidade a causas sociais e a grupos minoritários que até então não eram escutados, permitindo uma articulação para promover suas lutas de forma mais ampla e acessível para pessoas de diferentes lugares. No caso das crianças, percebe-se que elas ainda se encontram invisibilizadas, em especial no que se refere à sua participação na vida comunitária e política (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007), mesmo com todos os avanços no que concerne os seus direitos. Nesse sentido compreende-se que estes espaços têm sido fundamentais para a organização e participação coletiva⁵ deste grupo social nas políticas públicas. Essas crianças que promovem e criam conteúdos relacionados a diferentes causas sociais, muitas vezes são acompanhadas através de suas plataformas por centenas ou milhares de seguidores, alcançando o *status* de influenciadores digitais. De acordo com Francalanci e Hussain (2015), este conceito pode ser definido como pessoas que através de suas redes sociais incentivam ou influenciam suas audiências (que muitas vezes é bastante ampla), promovendo um impacto social através da mensagem que compartilham. Estas crianças têm se tornando referência ao falar sobre temáticas que envolvem, por exemplo, educação, racismo, feminismo e crise climática, realizando, inclusive, parcerias com empresas e organizações como uma estratégia de fomentar discussões que consideram relevantes não só com seus pares, mas com toda a sociedade.

A partir disso, esse estudo almeja apresentar as trajetórias de crianças ativistas e influenciadoras digitais, buscando compreender como foi a escolha e o envolvimento com as diversas pautas de luta, assim como as estratégias que elas utilizam para lidar com esse papel, que passaram a assumir nas redes. Além disso, busca-se contribuir para uma ampliação do conhecimento acerca do tema, tornando-se fundamental, a partir das informações disseminadas na pesquisa, analisar os benefícios e possíveis riscos da participação dessas crianças na rede.

2. Abordagem metodológica

Com o intuito de identificar crianças brasileiras que desempenham um ativismo digital em defesa da educação, cultura e direitos humanos, foi realizada uma etnografia digital durante um período de 24 meses nas principais plataformas digitais, nomeadamente TikTok, Instagram e Twitter. Para a seleção das crianças participantes, utilizou-se como critérios, as temáticas abordadas pelas crianças em suas postagens e o número de seguidores, que deveria ser acima de cinco mil. Foram identificadas 12 crianças, sendo enviados convites através dos e-mails comerciais e via direct do Instagram. As sete crianças que responderam afirmativamente assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de autorização para o uso de imagem, sendo que a pesquisa segue todos os protocolos éticos da Resolução de Pesquisa com seres humanos (Resolução 510/16) e foi aprovada pelo Comitê de Ética (Parecer Número 4.425.394). É válido salientar que o intuito de apresentar o nome das crianças nesta investigação foi consentido por elas e tem o objetivo de ampliar ainda mais a visibilidade de suas ações, além de identificar essas crianças enquanto sujeitos políticos, que tem buscado promover uma transformação social a partir do que produzem na rede.

As sete crianças participantes da pesquisa são Clara Beatriz (@projetocasinhadelivros), Catarina (@catmat.matematica), Adriel (@livrosdodrii), Kaique (@kaiquebritor), MC Soffia (@mcsoffia), Helena e Eduarda (@pretinhasleituras). Elas têm idades entre 12 e 17 anos, sendo 05 do gênero feminino e 02 do gênero masculino. Em relação à cor destes participantes, seis se identificam enquanto pretos e um se identificou como branco. Três das crianças são da Bahia, duas do Rio de Janeiro e duas de São Paulo, sendo que a maioria das crianças iniciou suas atividades nas redes sociais por volta dos nove anos.

Em função da pandemia do Corona Vírus e a necessidade de distanciamento físico, as entrevistas foram realizadas através do Google Meet, em dia e horário definidos pelos/as participantes. As entrevistas tiveram uma duração entre 35 minutos e duas horas, sendo que em apenas em uma das entrevistas houve a participação da genitora das crianças. As entrevistas foram gravadas, sendo transcritas e depois submetidas a análise de conteúdo temática (Bardin, 2011).

⁵ Disponível em: <https://www.brandwatch.com/blog/march-for-our-lives-social-media/> / <https://www.fridaysforfuture.org/> / <https://observador.pt/2019/05/24/e-nossa-responsabilidade-estar-aqui-milhares-de-jovens-pararam-lisboa-em-defesa-do-planeta/>

3. Resultados e discussão

Inicialmente será apresentado o perfil das crianças entrevistadas e quais ações elas têm realizado na rede para promover educação e direitos. Em seguida serão apresentadas os eixos temáticos que foram elaborados a partir das entrevistas, sendo estes articulados com a literatura que fundamenta a pesquisa.

Adriel Bispo (@livrosdodrii)

13 anos, se autodeclara negro e é de Salvador (Bahia). Produz majoritariamente conteúdos relacionados à leitura, com foco em obras que abordam temas sobre educação antirracista, feminismo, além de também produzir postagens sobre saúde mental, incentivo à leitura, bem como resenhas de livros e filmes relacionados ao gênero de fantasia e ficção científica. Adriel foi eleito embaixador da amostra literária de sua cidade e atualmente foi contratado para apresentar um programa no canal GNT (Rede Globo). O influenciador e ativista é seguido por mais de 563 mil pessoas na rede social Instagram.

Kaique Brito (@kaiquebritor)

17 anos, se autodeclara negro, também é de Salvador (Bahia) e ficou nacionalmente conhecido por publicar um vídeo satirizando um discurso sobre “racismo reverso”, além de publicações dublando discursos com falas controversas e equivocadas de políticos, celebridades e anônimos no aplicativo Tiktok. Atualmente, Kaique possui um *podcast* em parceria com a Globoplay, onde ele e diferentes convidados abordam temas relacionados a política, cultura pop e atualidades. Além disso, Kaique é um dos embaixadores do WWF-Brasil, uma organização da sociedade civil brasileira que busca trabalhar para mudar a atual trajetória de degradação ambiental. Ele é acompanhado por uma audiência de mais de 110 mil seguidores no Instagram e 235 mil seguidores no Twitter.

Pretinhas leitoras - Helena e Eduarda Ferreira (@pretinhasleitoras)

Irmãs gêmeas de 12 anos, que se autodeclaram negras e são residentes do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro). Elas criaram, em 2015, um projeto de incentivo à leitura como forma de contribuir com o combate à violência nas favelas. Através da rede social Instagram e do canal no Youtube, além de encontros presenciais e lives para debater sobre diferentes livros, em especial os que abordam temáticas sobre feminismo e educação antirracista, a iniciativa do Pretinhas Leitoras é compartilhar o interesse das meninas pela leitura e ensinar a importância de investir em educação para uma transformação da realidade, em especial de crianças que residem em regiões periféricas. Atualmente, elas foram contratadas pela Rede Globo para participar de um quadro semanal chamado “Encontro com as letrinhas”, com o objetivo central de apresentar histórias da literatura infantil e despertar o interesse das crianças pela leitura. Atualmente as influenciadoras são acompanhadas por mais de 57 mil pessoas no Instagram e 28 mil pessoas no Youtube.

Catarina Xavier (@Catmat)

12 anos, se autodeclara negra, sendo residente em São Paulo (São Paulo). Ela produz conteúdo com o intuito de ensinar matemática para outras crianças no Youtube e Instagram. O objetivo dela é mostrar que meninas também podem produzir ciência e apresentar a matemática de forma mais atrativa para seus pares. Seu canal no Youtube possui quase 30 mil seguidores e sua página no Instagram é acompanhada por mais de 13 mil pessoas. Apresentando desafios, músicas e charadas, Catarina busca ensinar diferentes estratégias de ensino sobre a disciplina de forma divertida e educativa.

Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia (@mcsoffia)

MC Soffia é uma rapper de 17 anos, que se autodeclara negra e é residente em São Paulo (São Paulo). Desde os 11 anos, ela utiliza as plataformas on-line para falar sobre empoderamento de meninas negras, publicando conteúdos que abordem questões de gênero, raça e preconceito. Suas músicas “Brincadeira de Menina” (2015), “Menina Pretinha” (2016), “Minha Rapunzel tem Dread” (2016), “Empoderada” (2020) e “Meu lugar de fala” (2021), tiveram uma grande repercussão no Brasil e MC Soffia, tem participado de várias campanhas, tendo mais de 95 mil inscritos em seu canal no Youtube e mais de 391 mil seguidores no Instagram. Atualmente, Soffia tem participado da Websérie “Você também sente?”, que busca abordar temas relacionados à saúde mental e questões emocionais da adolescência para o canal Saúde da Infância. O trabalho dela tem sido reconhecido mundialmente, e a cantora está na lista apresentada no livro “Resisters: 52 Young Women Making Herstory Right Now” da autora Lauren Sharkey. Recentemente McSoffia recebeu um colar de honra ao mérito legislativo do Estado de São Paulo pela contribuição do seu trabalho enquanto ativista, cantora e influenciadora.

Clara Beatriz Maciel (@projetocasinhadelivros)

13 anos, se autodeclara branca, reside em Irecê (Bahia) e começou o projeto “Casinha de Livros” aos 10 anos, quando em uma viagem para a capital, viu em uma praça pública uma casa repleta de livros sendo disponibilizada para os moradores terem acesso à leitura. Com isso, ela buscou os familiares para promover a iniciativa em sua cidade. Atualmente, existem nove casinhas na Bahia, Ceará e Pará. A ideia de criar um perfil no Instagram foi com o intuito de ampliar a divulgação do projeto e incentivar as doações de livros, além de manter um diálogo com os seguidores para compartilhar dicas de leitura, realização de *lives* com autores, crianças, educadores e celebridades, bem como a publicação de diferentes livros semanalmente. Até o presente momento, o perfil é seguido por mais de 5.800 pessoas. Além disso, Clara também realiza palestras em escolas para incentivar a leitura e foi eleita jovem transformadora pela rede de empreendedores sociais Ashoka, além de recentemente ter se tornado finalista do prêmio Jabuti 2021, na categoria fomento à leitura.

3.1. Motivação para a criação de conteúdo

Quando questionadas sobre a motivação para a participação nas redes, as crianças entrevistadas falam do seu interesse pelos temas discutidos e ressaltam a influência de familiares e dos seus pares. Percebe-se que a família tem um papel importante neste processo, não só de apoiar, mas também incentivar, desde muito cedo, a consciência social nas crianças. De acordo com Liebel e Gaitán (2019), os objetivos das ações das crianças são influenciados por seu ambiente e por lidarem com sentimentos de injustiça ao presenciar desigualdades sociais nos seus cotidianos. Além disso, os/as participantes relataram que através da própria Internet tiveram acesso a temas sociais que até então só eram apresentados em mídias tradicionais como jornal e televisão, muitas vezes com uma linguagem de difícil compreensão para elas, através de um conteúdo que ainda é desenvolvido por adultos e para adultos. A junção da militância com a vontade de produzir conteúdo para a Internet, contribui para que mais crianças utilizem seus perfis em redes sociais para expressar o que sentem ou pensam sobre diferentes temas.

O papel da família fica evidente na fala de McSoffia (17 anos), Clara (13 anos) e Eduarda (12 anos),

Eu sempre tive contato com esses temas (machismo, racismo, etc.), porque a minha família é uma família de militantes, a gente sempre foi em marcha de mulheres, marcha de pessoas pretas, sempre foi nos eventos culturais né, porque minha avó vende bonecas pretas, e minha outra vó também, estudaram muito na faculdade zumbi dos palmares. (Mc Soffia)

[...] Aqui na minha casa por exemplo, eu, minha irmã, minha mãe, todo mundo aqui em casa é feminista, a gente sempre tá atenta a essas causas, sempre tá discutindo aqui em casa... Júlia mesmo, minha irmã né, mais nova, ela é assinante né, que minha mãe paga, de um programa de livros sobre mulheres feministas, eu também já participei de alguns programas feministas [...] (Clara)

O nosso canal, explica muito sobre a nossa convivência em família desde pequena, então tudo que tá no nosso canal sobre todas essas literaturas sempre foram todas elas marcadas pelo nosso dia a dia, então a gente sempre foi trazendo coisas que marcaram nosso dia e compartilhando com as outras pessoas. Assim a gente se diverte e tenta tirar um pouco delas do tédio. (Eduarda)

Outro aspecto que fica evidente na fala das crianças é que a vontade de estar nas redes sociais, viralizar conteúdos ou encontrar uma audiência para suas vozes, começa desde muito cedo, demonstrando aquilo que Dornelles denomina de cyber-infância. De fato, grande parte das crianças, desde muito novas, têm suas vidas registradas em vídeos e fotografias e vão desenvolvendo uma familiaridade como esse modo de autoapresentação, havendo entre elas, inclusive, um desejo de se tornarem youtubers e estarem presentes nas diversas plataformas.

Para Thomaz (2017), as crianças, ao terem contato com criadores de conteúdo como youtubers, por exemplo, que se tornam figuras de grande influência profissional e ascensão para esta geração, identificam que também podem utilizar diferentes plataformas para falar sobre temas que consideram relevantes. Com isso, é possível compreender que as mídias digitais têm possibilitado às crianças, que até então são invisibilizadas em diferentes espaços públicos, a ampliação da sua voz e da sua participação cívica, permitindo não só um diálogo entre pares, mas também com organizações, empresas e atores de diferentes movimentos sociais. Isso pode ser evidenciado a partir da fala de Eduarda (12 anos) e Helena (12 anos)

Eduarda: [...]eu acho que toda a criança tem aquele sonho de ser youtuber. E a gente era uma delas né, a gente também queria ser youtuber.

Helena: Claro que também a gente estava pensando em todas as crianças que queria ser youtubers. Então a gente conseguiu compartilhar o canal e hoje o canal não é só nosso, e sim, de todas as crianças.

De acordo com Machado (2019), os meios de comunicação não são apenas ferramentas, mas sim, um fenômeno cultural que tem alterado as vivências das pessoas, sendo importante ressaltar que em um país com tantas desigualdades, não é possível obter essas experiências de maneira igualitária. Apesar do aumento do acesso à Internet no Brasil, conforme apontado pela pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br, 2020)⁶, ainda existem 20 milhões de domicílios que não possuem Internet no país. Apesar do direito ao acesso universal a Internet estar previsto na lei 12.965/2014 (Marco Civil da Internet) e ser identificado que este é fundamental para o exercício pleno da cidadania, muitas crianças ainda possuem dificuldades de ter acesso a este direito, já que em decorrência das desigualdades presentes no país, grande parte delas ainda não consegue ter uma participação cívica de forma plena. Com isso, torna-se ainda mais desafiador com que este grupo social mais vulnerável possa dialogar com seus pares e produzir conteúdos que consideram relevantes para a transformação de suas realidades.

3.2. Temáticas abordadas pelas crianças ativistas e influenciadoras digitais

Em relação às temáticas abordadas pelas crianças, destaca-se, assim como mencionado anteriormente, à educação, que é tema central de cinco das participantes. As características do material que é divulgado normalmente são realizadas através de *lives*, vídeos curtos e postagens com imagens e textos sobre os temas, sendo publicado em especial nas redes sociais (Instagram, Tiktok e Twitter), plataformas de podcast (Spotify, Google Podcasts, Deezer, etc) e vídeos no Youtube. Quatro das crianças incentivam a leitura e o acesso a livros e uma concentra-se especificamente no ensino da matemática, incentivando a entrada das mulheres na ciência. Uma das crianças traz críticas e reivindicações políticas na centralidade das suas postagens, defendendo ainda direitos de mulheres, população negra e LGBTQIA+, e outra participante aborda prioritariamente o empoderamento feminino e a importância do desenvolvimento de uma identidade étnico racial positiva.

Com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), é possível ter acesso e compartilhar uma pauta ou notícia de forma muito rápida, além de produzir a informação e não apenas ser receptor desse conteúdo (Abraão, 2015). A partir dessa agilidade na comunicação e possibilidade de expor ideias e lutas, muitos movimentos sociais têm utilizado as redes sociais para se articular e divulgar pautas sociais que têm sido bastante debatidas tanto na rede como fora dela, como o feminismo, crise climática, combate a homofobia e ao racismo, promoção e defesa da educação, etc. As crianças não estão alheias ao universo adulto, sendo que na Internet existe a possibilidade de estabelecer um diálogo mais horizontal entre as gerações.

Kaique (17 anos): Ah, eu acho que foi passando junto com os meus interesses pessoais, sabe? Tipo assim, depois das eleições de 2018 (eleições presidenciais do Brasil), que eu comecei a ficar mais ligado assim, tanto pelas eleições como por eu estar crescendo mesmo, eu fiquei mais engajado nesses assuntos, sabe, daí eu já ficava o dia todo no Twitter olhando as coisas, falando com meus amigos no whatsapp, e daí surgiu essa ideia de tipo assim, estava rolando no Twitter aquele áudio da menina falando sobre racismo reverso, aí eu falei “ah, (risos), vou colocar no Tiktok, vou gravar, aí eu perguntei pra minha amiga “será que o povo vai entender que é ironia?”, aí ela “ah, vai sim, vai sim”, aí eu gravei, aí eu postei aquele vídeo, viralizou, e a partir dali eu amei fazer esse tipo de conteúdo, sabe? Tipo, que é humor que conscientiza, sabe? Eu achei muito legal!

Além disso, apesar de não ter sido nomeado dessa forma pelos/as participantes, muitas das temáticas apresentam a dimensão da interseccionalidade (Akitirone, 2018), ao trazerem as questões de classe social, raça, gênero e orientação sexual nos conteúdos que as crianças promovem nas redes. Assim, é avaliado que sistemas de opressão, assim como apontado por Collins (2017), encontram-se interconectados. Os/as participantes em sua maioria são crianças negras, do gênero feminino, sendo que três delas relataram que iniciaram o trabalho por também identificar a realidade social e violência de onde viviam. Para Facchini, Carmo e Lima (2020), uma das questões centrais do engajamento político tem como objetivo de “reinscrever a própria história e construir possibilidades de voltar a habitar um mundo devastado pela violência ou por apagamentos e exclusões” (p. 3). A maior parte das crianças expõem explicitamente o desejo pela transformação social, defendendo a inclusão e respeito à diversidade, promovendo a partir do conteúdo que desenvolvem reflexões e ações práticas sobre como abordar e agir na defesa da educação, cidadania e direitos humanos.

Outro dado importante referido pelos participantes, é que a maior parte dos seus seguidores são adultos, que buscam seus conteúdos por admirarem o posicionamento ativo das crianças, mas também por almejarem referências positivas para as crianças ao seu redor. Isso demonstra que as questões pautadas pelas crianças estão em consonância com as questões sociais que estão sendo discutidas na contemporaneidade (Facchini, Carmo & Lima, 2020; Assis, 2019).

3.3 Impactos negativos

Ao investigar sobre possíveis impactos negativos da participação e exposição nas redes sociais, percebe-se que quatro das crianças entrevistadas, principalmente aquelas com o maior número de seguidores, relatam que recebem

⁶ Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf

mensagens ofensivas e racistas, além de se sentirem muitas vezes pressionadas para produzirem conteúdos e se posicionarem sobre cotidianamente sobre vários acontecimentos. A forma como as crianças reagem a essas mensagens e pressões sofridas, são bastante variadas e de acordo com as crianças variam também de acordo com o seu estado emocional ao receberem as críticas. Conforme afirma Adriel (13 anos)

Eu não sou de ferro, então às vezes eu respondo, às vezes eu deixo passar ou eu nem ligo para a pessoa, tipo, só excluo a mensagem, porém quando eu vejo que é uma mensagem que eu não posso deixar passar, que me deixou muito mal aquela mensagem, eu acabo respondendo a pessoa

Das crianças entrevistadas, três afirmam ter sido alvo de *haters* com maior frequência e isso está diretamente relacionado às suas posições políticas e pautas defendidas como direitos das pessoas LGBTQIA+ ou racismo. Quando perguntadas sobre o que fazem para se proteger desses ataques ou interações agressivas, as crianças relatam contar com o suporte da assessoria profissional que possuem, das ferramentas das próprias plataformas que permitem suprimir comentários agressivos e ofensivos, além do apoio e mediação da família. No que se refere às estratégias protetivas adotadas ou desejáveis, Kaique (17 anos) afirma:

Eu acho que a tática mesmo é se proteger de ver esse tipo de coisa, por exemplo, filtrar as notificações eu acho que é algo que todo mundo deveria fazer, tipo, adicionar todos aqueles filtros de não receber notificação de quem não te segue, de quem não tem foto de perfil, de quem não tem o e-mail confirmado, tem essas táticas assim... O Instagram também é muito bom dá pra você bloquear palavras dos comentários que a pessoa comenta achando que tá arrasando, que você tá vendo, e na verdade o Instagram não deixa aparecer nem pra mim nem pra ninguém, acho que bloqueia o comentário sem a pessoa mesmo saber, aí tem esses mecanismos que já tem nas redes sociais e eu acho que deveria ter até mais com o tempo, sabe, de proteger contra robôs e tal, mas assim, é bem complicado.

De acordo com Costa et al. (2021), os influenciadores digitais costumam apresentar suas rotinas e têm uma exposição ampla do seu cotidiano nas redes sociais, tornando-se por isso, alvos de cyberbullying promovidos por pessoas que não concordam com seu posicionamento e utilizam-se de perfis, que promovem a falsa sensação de anonimato, para publicar comentários ofensivos nas plataformas destes criadores. Além disso, as autoras apontam que as publicações dos influenciadores digitais, para alcançarem seus seguidores, precisa ser de uma forma frequente, muitas vezes causando um esgotamento destes indivíduos por precisarem estar constantemente on-line. Essa sobrecarga fica evidente na fala de Adriel (13 anos),

[...] eu às vezes fico bem triste porque as pessoas têm que entender que eu sou um ser humano... eu tenho o meu tempo, as vezes eu não leio nada, porque eu não tô conseguindo, às vezes não assisto nada porque não tô conseguindo... então às vezes eu fico bem chateado, por conta da cobrança [...] e eu não to sabendo lidar com aquilo... então eu acabo me sentindo bem chateado até comigo mesmo... por não estar conseguindo produzir um certo conteúdo...

Outro aspecto que contribui para a prática do cyberbullying, de acordo com Macedo (2018), deve-se a existência de uma visão equivocada de que a liberdade de expressão é superior aos princípios fundamentais relacionados aos direitos humanos. Com isso, ocorre em algumas situações um linchamento virtual, em especial de pessoas com ampla audiência na rede, em especial por discordar do posicionamento político destes indivíduos, além de serem criadas comunidades com o intuito de promover ataques digitais em diferentes plataformas.

As seis crianças negras trazem a pauta do racismo em seus vídeos e conteúdos, demonstrando que a dimensão racial não é opcional para as crianças não brancas, sendo um privilégio da branquitude não abordar esse tema (Carreira, 2018). Além disso, cabe destacar que cinco das crianças negras sofreram racismo nas redes. Ainda sobre a dimensão racial, as crianças tratam sobre a importância da representatividade, da educação antirracista e do fortalecimento da autoestima das crianças negras, assim como produzem conteúdos didáticos que buscam esclarecer conceitos e temáticas centrais no debate, tais como racismo reverso, apropriação cultural e a banalização de situações de preconceito e racismo. MCSoffia (17 anos) percebe o papel que desempenha ao debater esses temas e a importância de serem tratados durante a infância, rebatendo a ideia de que temas difíceis e complexos não seriam temas adequados para as crianças. De acordo com ela,

Por eu ser tão jovem e estar falando sobre essas questões, muitos falaram “ah, você é tão nova e tá falando sobre esses temas de adulto”, aí até eu mesma falava “ah, mas o racismo não vai esperar eu ficar adulta pra ele chegar em mim” [...] Meninas da minha idade desde cedo passam, e a gente não deve esperar ficar adulta pra falar [...] eu acho que o meu trabalho ele é principalmente pra essas pessoas também.

No caso de Adriel (13 anos), a sua capacidade de responder a um comentário racista e ter essa resposta viralizada foi responsável pela sua ascensão nas redes, tornando-o um influenciador digital. Isso demonstra que muitas vezes o “sucesso” nas redes não é uma estratégia planejada. De acordo com o participante:

Veio (a fama) através de uma resposta que eu dei a um ataque racista que eu recebi... infelizmente... e as pessoas gostaram da minha resposta e começaram a compartilhar (...) e daí as pessoas foram viralizando aquilo, e viralizando... viralizando... viralizando, até que eu comecei a ganhar muitos seguidores, que foi um susto muito grande porque eu nunca tinha visto aquela quantidade de imensa de gente me seguindo.

É importante destacar que, apesar do protagonismo no combate ao racismo ser de pessoas do movimento negro e indígena, é necessário convocar “pessoas brancas e instituições a assumirem responsabilidades como sujeitos de tensionamento e da transformação das relações raciais, indo além da convocação ao apoio, à solidariedade e à luta política “das outras e dos outros”” (Carreira, 2018: 128). Com isso, torna-se fundamental que não só criadores de conteúdo negros/as tenham essa responsabilidade de promover pautas antirracistas na rede, mas sim, que haja uma ampliação desta discussão para quem está cercado de privilégios e ainda não reconhece a importância de pautar o tema para seus seguidores.

3.4. Ser ativista e influenciador/a digital

Ao questionar as crianças sobre se elas se consideram influenciadoras digitais e ativistas, todos/as participantes se consideram ativistas e apenas uma criança não se considerou influenciadora digital, indicando que apesar de ter um número alto de seguidores, não considera que possui o status de influenciadora. A fala de Kaique (17 anos), ilustra o processo de se perceber enquanto ativista/influenciador digital, demonstrando

Kaique (17 anos): Ah, me considero (ativista) sim. Nem gosto exatamente desse título assim (risos), eu acho que já ficou super banalizado com o tempo, né, mas sim, considero um influenciador, criador de conteúdo. [...] essa era uma coisa engraçada (sobre ser ativista) que, quando eu viralizei, eu literalmente só sabia o que era errado, basicamente, então tipo assim, eu sabia que racismo reverso não existia e eu resolvi zoar com isso. Então, quando viralizou, basicamente quem viralizou meu vídeo foi o movimento negro, o movimento LGBT, e tal, então tipo assim, foi muita gente já falando “ai, já temos outro membro pra dar voz, e pra falar”, mas tipo assim, eu fiquei meio assustado porque tipo, gente, eu não tenho o conhecimento bastante ainda, sabe? Mas cada vez mais eu vou me inteirando, eu comecei com 14 anos agora eu já tenho 16, vou fazer 17 esse ano, então tipo assim, né, me considero sim, por que cada assunto importante que eu vou vendo eu vou usando minhas redes pra falar, mas... é, é isso aí, sendo bem diversificado, sabe, não exatamente só sobre racismo, só sobre LGBT, só sobre tal coisa, eu acho que eu falo sobre coisas que eu me interesse, cultura pop, e insiro essas coisas no meio.

Além do número de seguidores, é possível identificar a partir do discurso da maior parte dos/as participantes, que a influência está relacionada ao engajamento que possuem com a audiência que as acompanham, ou seja, a interação realizada com os seguidores através de comentários, sugestões, curtidas e compartilhamento do conteúdo que produzem, além das parcerias que realizam com empresas e organizações sobre as pautas que promovem. De acordo com Silva e Tessarolo (2016), influenciadores digitais possuem a capacidade de inspirar um determinado nicho, persuadir o público com suas ideias e posicionamentos, além de ser possível acompanhar por meio de ferramentas e métricas disponíveis nas redes sociais o impacto de suas ações. Pela geração atual acompanhar diariamente esses influenciadores, as organizações e empresas utilizam como estratégias a figura desses criadores de conteúdo para ampliar sua visibilidade para este público que os acompanha. Já em relação ao ativismo, Catarina (12 anos) compreende que o conteúdo que desenvolve incentiva meninas a participarem mais ativamente na promoção da educação.

De acordo com Gohn (2011), as ações realizadas por movimentos sociais, seja através de denúncias, reflexões, mobilizações, pressões diretas ou indiretas, tem sido potencializadas pelo acesso à Internet, agindo de forma local, regional, nacional e internacional. Assim como mencionado anteriormente, a partir da viralização dos conteúdos produzidos pelas crianças e/ou após o aumento exponencial do número de seguidores, percebe-se que há um aumento no interesse de instituições e empresas privadas por estabelecer parcerias com as crianças. Nesse sentido, as crianças podem se tornar “Embaixadores” de causas humanitárias, ambientais e/ou sociais, além de fazerem publicidade para produtos diversos e empresas de comunicação. Por isso, o papel destes/as influenciadores/as e ativistas se torna tão importante, já que estes ampliam a visibilidade das pautas sociais e convidam mais pessoas e organizações a participarem ativamente da defesa e manutenção destas ações.

Isso pode ser elucidado a partir da fala de Kaique (17 anos), que é uma das crianças que mais teve contratos publicitários e parcerias com organizações, onde ele afirma que atualmente as marcas têm buscado criadores de conteúdo que tem um bom engajamento com sua audiência, mesmo sem um grande número de seguidores, e que utilizam suas redes para falar sobre temas sociais que alinham com os ideais das marcas. De acordo com ele:

[...] eu acho que cada vez mais tá acabando aquilo de influenciador, digital influencer, está mais pra criador de conteúdo, sabe? Então por exemplo, o Boticário. Tinha tanta gente pra chamar mais famosa, com mais seguidor, com mais alcance [...] mas eles queriam uma coisa que fizesse sentido [...] que foi a campanha de natal, sobre representatividade e tudo, e eles me chamaram. [...] é a mensagem que eles querem passar, e a gente não tem nenhuma controvérsia, sabe, a gente não é racista e vamos fazer um conteúdo falando sobre racismo, por exemplo, já é o que a gente fala o tempo inteiro, sabe? Então acho que é isso, sabe, e também de por exemplo, eu no instagram

tenho 117 mil seguidores, não é uma coisa gigantesca, mas é uma coisa engajada [...] eu acho que é por isso que as marcas chamam, sabe? Por que tem mais uma proximidade.

Nem todas as crianças até o momento da entrevista tinham realizado parcerias, mas informaram que caso houvesse interesse de alguma marca em contratá-las, estariam analisando se a empresa está alinhada com os ideais que elas apoiam. Isso pode ser ilustrado pela fala de Clara (13 anos),

Sobre as parcerias, eu acho que principalmente deve ter algo relacionado a leitura né, seria o principal... se os ideais da empresa né, se fosse uma empresa machista, por exemplo, eu não aceitaria, se fosse uma empresa que só tem homens, eu também não aceitaria.

MCSoffia acredita que as parcerias auxiliam a promover representatividade na indústria, já que grupos minoritários sempre foram excluídos desses espaços de publicidade e entretenimento e com a Internet e a ampliação do debate de diferentes pautas sociais, as empresas identificam a importância do engajamento com diferentes criadores de conteúdo.

Soffia (17 anos): É importante para que a gente pare de ser a minoria sempre, né, nas parcerias com essas marcas, mas eu acho que eles vêm muito, eu até fico muito feliz porque é um dos meus sonhos também, e eu sempre tive vontade de participar, de fazer uma propaganda com a Coca-Cola e consegui realizar isso, isso acontece por conta dos temas que eu passo [...] de eu ser tão jovem e estar falando sobre essas questões e agora as marcas estão entendendo que esse é um assunto em alta, empoderamento, está em alta, então eles também não vão perder né [...] eu espero que cada vez mais marcas grandes apareçam [...].

Atualmente tem sido questionado por diferentes movimentos sociais a importância da representatividade nas mídias e cargos de liderança, sendo cobrado uma mudança significativa nas empresas, que contemplem e contratem pessoas que até então são invisibilizadas em diferentes espaços. Para Silva e Carpi (2020), representar pessoas de forma mais igualitária permite romper estruturas sociais que reforçam racismo, machismo, homofobia, etc., fazendo com que ações publicitárias também sejam ferramentas de transformação social.

Foi também questionado aos participantes como eles/as avaliam a participação cívica das crianças na contemporaneidade. Apenas Kaique respondeu que ainda acredita que é necessário um avanço na participação das crianças em pautas sociais, pois ele acredita que as crianças em sua maioria, ainda estão mais voltadas para assuntos relacionados ao entretenimento, esporte, e não relacionado à política. De acordo com ele, as pessoas que ele acompanha são engajadas, mas, são mais velhas, e com isso, ele ainda visualiza um longo percurso no interesse das crianças em participar ativamente em temas mais politizados.

De acordo com Sarmiento (2005), existe uma separação das crianças do mundo dos adultos, através de uma visão paternalista, em especial em relação à participação cívica. Com isso, o autor reforça a importância de considerar a diversidade das condições de existência das crianças e suas consequências, identificando as mesmas como atores sociais, sujeitos completos e competentes, que podem intervir ativamente em questões referente às suas trajetórias e a sociedade. Tomás e Fernandes (2013) reiteram essa necessidade de alterar esse olhar perante as crianças e incluir a participação política deste grupo social, já que elas são as mais excluídas em pautas sociais e econômicas e ainda continuam em uma relação de controle e dominação perante os adultos (Tironi, 2017). Nesse sentido, identificar as crianças enquanto sujeitos de direitos, perpassa pela necessidade de visualizá-las enquanto indivíduos completos e competentes, com plena capacidade de agir politicamente em diferentes âmbitos sociais.

4. Considerações finais

A partir dos dados apresentados, é possível identificar o papel das crianças ativistas enquanto sujeitos políticos, e que estas têm adquirido competências e se aproximado cada vez mais, em especial a partir das redes sociais, da esfera cívica, lutando por seus direitos e ampliando as discussões de pautas sociais relevantes (Sarmiento, Fernandes y Tomás, 2007). A influência e visibilidade que essas crianças têm promovido nestas pautas, tem permitido um diálogo com a sociedade civil, organizações públicas e privadas, contribuindo para mudanças significativas na sociedade.

A partir da análise realizada, foi avaliado que família tem um papel importante neste processo de conscientização das crianças, além do acesso a mobilizações que tem ocorrido na rede e a influência de outros criadores de conteúdo que tem incentivado cada vez mais que as crianças tenham interesse em participar ativamente de ações locais e globais sobre diferentes pautas sociais. Torna-se fundamental ressaltar que em um país com tantas desigualdades como o Brasil, nem todas as crianças podem ter acesso ao exercício de sua cidadania por não terem acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação. Com isso, é importante reforçar a importância de políticas sociais de inclusão e literacia digital para que todas as crianças possam ter acesso a esse direito fundamental.

Em relação a como identificam que a Internet pode ser um espaço mais seguro e positivo para as crianças, a maioria dos participantes acredita que o acompanhamento dos pais é a principal estratégia de promover o acesso responsável deste grupo social, sendo necessário uma mediação dos adultos para acessar determinados conteúdos e

aprender a utilizar as plataformas corretamente. Apenas um participante mencionou a importância de existirem leis eficazes que responsabilizem pessoas que violem direitos e os termos de uso dos serviços disponíveis na rede.

As empresas têm utilizado estratégias para que usuários possam reportar conteúdos ofensivos, ocultar comentários impróprios que contenham palavras ou frases frequentemente denunciadas como ofensivas, utilização da inteligência artificial para evitar a exposição de imagens, elaboração, além de campanhas de conscientização sobre bem-estar e saúde mental ao utilizar os serviços. Entretanto, apesar das leis e novas funcionalidades das plataformas, ainda existe uma falta de estrutura do Estado para levar à frente todas as denúncias, além de ritos processuais que acabam sendo muito demorados. Com isso, é necessário reforçar a importância de investimentos no Poder Judiciário e em pesquisas sobre o tema para uma mudança significativa desta realidade.

Foi também identificado que a presença das crianças nas redes sociais não produzem apenas repercussões positivas, incentivo ou admiração. De fato, as redes sociais parecem cada vez mais ter se tornado um espaço de polaridade e hostilização. Os *haters* e a cultura de cancelamento parece ser muitas vezes a tônica das relações virtuais em massa. As crianças parecem compreender, em certa medida, que atrair esse tipo de reação é algo inerente a ser um influenciador digital e faz parte da fama. As crianças falam ainda que foram aprendendo a lidar com comentários negativos, filtrando aqueles que poderiam de alguma forma contribuir para o aprimoramento do conteúdo, daquelas que visam apenas a agressão e expressão de ódio. Em algumas postagens, as crianças utilizam os próprios comentários negativos e agressões como forma de problematizar a questão abordada, assim como apresentar subsídios e argumentos, que promovem a educação sobre o tema.

Os ataques dos *haters*, as cobranças constantes pela produção de novos conteúdos e pelo posicionamento a cada novo evento ocorrido, assim como o medo das fofocas e exposição de aspectos da vida pessoal, são fatores que podem contribuir para o sofrimento psíquico dos produtores de conteúdos digitais. Um dos entrevistados fala da importância, por exemplo, de um acompanhamento terapêutico profissional como forma de manejar essas questões. Cabe destacar que a ação dos *haters* muitas vezes tem um efeito contrário ao esperado pelos mesmos, já que há uma ação contrária de proteção e aumento de seguidores e engajamento. Com a elucidação dos riscos identificados nesta investigação e por compreender que essas crianças devem ser orientadas e protegidas de situações que envolvam violação aos seus direitos, é válido salientar, assim como apontado por Tironi (2017), que

nenhuma criança deve ser forçada a exercer uma responsabilidade para a qual não está preparada, mesmo frente a um direito de exercê-la. Contudo, seu desenvolvimento sadio também depende de ser permitido a ela interagir e engajar-se no mundo, tomando decisões progressivamente independentes e assumindo maiores responsabilidades conforme forem se tornando mais capazes para tanto, possibilidade que lhe é dada por meio da garantia de sua participação política.

Cabe destacar, assim como apontado por Livingstone (2016), a diferença entre risco x dano. O contato das crianças com conteúdos sensíveis não necessariamente gera um dano, sendo importante entender as noções de risco relacionados à infância nas ações cotidianas (Bujes, 2010) para promover um uso positivo deste acesso. Em caso de situações de racismo, ofensas e perseguição on-line, é fundamental o suporte familiar e das autoridades para interromper esse ciclo de violência. Com isso, é fundamental, assim como apontado por Kardefelt-Winther (2017) a importância de ouvir as crianças, entender a sua utilização a partir do que elas tem a dizer, sendo necessário realizar a escuta desses sujeitos para a construção de diálogos construtivos sobre como o uso das tecnologias pode ser utilizado para promoção de direitos de forma segura e saudável. Por fim, é necessário destacar que a etnografia digital, em conjunto com as entrevistas possibilitou um mapeamento das ações, além de evidenciar as vozes dessas crianças, sendo identificada a necessidade de mais estudos que possam dar visibilidade às ações infantis, e que possam aprofundar o debate sobre participação, protagonismo e ativismo.

5. Referências

- Abrahão, L. (2015). Redes sociais da Internet x Movimentos sociais: Uma relação com o movimento do passe livre. 18º Semana de mobilização científica, Universidade Católica do Salvador, 1-16.
- Akitirone, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Série Feminismos Plurais, Editora Letramento.
- Assis, D. (2019). Gênero, Sexualidade e Educação. Interseccionalidades. *Universidade Federal da Bahia*, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 1-32.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bujes, M. I. (2010). Infância e Risco. *Educação e Realidade*, 35(3), 157-174.
- Câmara, H., Sardinha, M., Ferraciolli, G., Keila, A., Santos, G., Lourenço, L. y Aguiar, R. (2020). Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais. *Id on Line Rev. Mult. Psic.*, 14(51), 366-379.
- Carreira, D. (2018). O Lugar dos Sujeitos Brancos na Luta Antirracista. *Provocações e pautas para conversa. SUR* 28, 5(28), 127-137.
- Caetano, H., Miranda, G. L. e Soromenho, G. (2010). Comportamentos de risco na internet: um estudo realizado numa escola do ensino secundário, *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*, 9(2), 167-185.

- Costa, R., Barba, M., Barros, L., Barroso, L., Costa, F., Coelho, T., Silveira, M. y Azevedo, G. (2021). Paradoxo do mundo digital: desafios para pensar a saúde mental dos influenciadores digitais. *Brazilian Journal of Health Review*. 4(2), 5811-5830.
- Dornelles, L. (2005). *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Facchini, R.; Carmo, I.; Lima, S. (2020). Movimentos Feminista, Negro e LGBT no Brasil: Sujeitos, Teias e Enquadramentos. *Dossiê: Movimentos Sociais e Transformações do Ativismo Contemporâneo*, Educ. Soc. 41 (e230408), 1-22.
- Francalanci, C.; Hussain, A. (2015). A visual analysis of social influencers and influence in the tourism domain. *Information and Communication Technologies in Tourism*, 19-32.
- George, J.; Leidner, D. (2018). Digital Activism: a Hierarchy of Political Commitment. *51st Hawaii International Conference on System Sciences*.
- Girges, M. (2013). Social activism through social media: the case of child soldiering in the global context. *Electronic Theses and Dissertations*, 4976.
- Gohn, M. (2011). Movimentos sociais na contemporaneidade. *Rev. Bras. Educ.* 16(47), 333-513.
- Kardefelt-Winther, D. (2017) How does the time children spend using digital technology impact their mental well-being, social relationships and physical activity? An evidence-focused literature review. Innocenti Discussion Paper 02, *UNICEF Office of Research – Innocenti*, Florence
- Levy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- Liebel, M.; Gaitán, L. (2019) El poder de los niños y niñas. Notas sobre el protagonismo de movimientos infantiles en la actualidad. *Revista Sociedad e Infancias*, 3, 15-20.
- Livingstone, S. (2016). *Method guide 1. A framework for researching Global Kids Online: Understanding children's well-being and rights in the digital age*. Londres: Global Kids Online.
- Macedo, K. T. M. (2018). Conflitos Sociais Contemporâneos: possíveis causas e consequências dos Linchamentos Virtuais. *Humanidades & Inovação*, 5(4), 197-208.
- Machado, P. (2019). 'Conecto-me; logo, existo': narrativas e práticas de leitura de jovens leitores inseridos na cultura digital. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Mora, F. (2014). Emergent digital activism: the generational/technological connection. *The Journal of Community Informatics*, 10(1), 01-13.
- Sarmiento, M. (2005) Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade*. Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças. *CEDES – Brasil*, 26(91), 361-378. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>
- Sarmiento, M.; Fernandes, N.; Tomás, C. (2007). Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, 183-206.
- Silva, S.; Carpi, T. (2020). Representatividade negra feminina na publicidade no combate ao racismo. *Cambiassu, Estudos em Comunicação*, 15(25), 181-201.
- Silva, C.; Tessarolo, F. (2016). Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo.
- Sivitanides, M.; Shah, V. (2011). The Era of Digital Activism. *Conference for Information Systems Applied Research Wilmington North Carolina, USA*, 4 (1842), 01–08.
- Soares, C. (2011). O lado obscuro das redes sociais para crianças e adolescentes. Curso de Graduação Licenciatura em Computação, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual da Paraíba.
- Tomás, C.; Fernandes, N. (2013). Participação e acção pedagógica: A valorização da(s) competência(s) e acção social das crianças. *Revista Educativa, Goiânia*, 16(2), 201-216.
- Tironi, S. (2017). Criança, participação política e reconhecimento. *Rev. Direito e Práx.*, 8(3), 2146-2172.
- Thomaz, R. (2017). *O que você vai ser antes de crescer? Youtubers, Infância e Celebridade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.